

GILBERTO FREYRE E A ESCOLA DOS ANNALES

GILBERTO FREYRE AND THE ANNALES SCHOOL

Kelson Gérison Oliveira Chaves³²

RESUMO

Este ensaio pretende explorar a semelhança encontrada entre o projeto inicial da revista *Annales*, encabeçada por Lucien Febvre e Marc Bloch, e o que Freyre realizou em sua obra *Casa-Grande & Senzala*. Haveria realmente alguma semelhança? E, caso a resposta seja positiva, quais seriam elas? Em belo ensaio intitulado *Gilberto Freyre e a Nova História*, datado de 1997, o historiador inglês Peter Burke tratou das semelhanças entre a obra de Freyre e a História Nova, praticada e pregada na França a partir dos anos 60. Aqui, voltarei mais atrás ainda, e buscarei indicar semelhanças encontradas entre o projeto inicial da revista *Annales*, a partir de 1929, e a historiografia Freyreana que se desenrola dos fios coloridos de *Casa-Grande & Senzala*.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; historiografia; Escola dos Annales.

³² Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista do CNPq. Este artigo é fruto de um trabalho realizado para a disciplina Intérpretes do Brasil, ministrada pelo professor Homero Oliveira.

ABSTRACT

This essay aims to explore the similarity found between the initial project of the journal *Annales*, led by Lucien Febvre and Marc Bloch, and that Freyre held in his book *Casa-Grande & Senzala*. Was there really any resemblance? And if the answer is yes, what are they? In another excellent essay titled *Gilberto Freyre and the New History*, dated 1997, the british historian Peter Burke addressed the similarities between the work of Freyre and the New History, practiced and preached in France since the 60s. Here, back still further back, and pointing out similarities between the initial project of the journal *Annales* from 1929 and historiography Freyreana that unfold the colorful threads of *Casa-Grande & Senzala*.

Keywords: Gilberto Freyre; historiography; *Annales* school.

1 INTRODUÇÃO

No livro “Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura”, de Mariza Veloso e Angélica Madeira, encontramos uma informação equivocada a respeito das influências intelectuais de Gilberto Freyre, ao afirmar que algumas passagens de “Casa-Grande & Senzala”: “ressaltam a influência que Gilberto Freyre sofreu do historiador Lucien Febvre” (p.155, grifo nosso). Digo equívoco, porque tal influência não existiu.

Freyre, enquanto escrevia sua primeira obra sobre a história da sociedade patriarcal no Brasil, estava em atividades de pesquisa que a realidade espaço-temporal não o permitia tomar conhecimento das idéias de Febvre e, igualmente, de Marc Bloch, co-fundador da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Evidência maior disso, ainda, é o fato de Freyre, entre a abundância exaustiva de referências bibliográficas que conseguiu compilar, não haver colocado uma sequer de Febvre ou Bloch. O próprio Peter Burke, que se auto-intitula um “companheiro de viagem” dos *Annales*, é contundente nesse ponto, quando se pergunta:

Como Freyre chegou a desenvolver sua marca particular de história social? (...) Embora seu contato com a cultura francesa tenha sido para ele de grande importância, alguns nomes franceses óbvios serão mencionados aqui apenas para serem rejeitados como influências: Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel e Paul Vidal de la Blache. Em 1930, quando Freyre começou a trabalhar em Casa-Grande & Senzala, Bloch e Febvre ainda não tinham estabelecido suas reputações internacionais e Fernand Braudel, um mestre-escola na Argélia, era ainda virtualmente desconhecido. Foi somente no final da década de 30, quando Braudel veio à USP, que ele e Freyre encontraram-se e descobriram seus interesses em comum (BURKE, 1997, p.5).

Para se ter uma idéia, foi somente a partir da grande obra de Braudel, “Mediterrâneo”, já nos anos cinquenta, que o grupo dos *Annales* e, conseqüentemente, o movimento de reformulação francesa da disciplina histórica, ficou conhecido em toda a

Europa (BURKE, 1997). Note-se que, como reflexo do não contato de Freyre com a primeira geração dos *Annales*, isto é, Bloch e Febvre, ele nunca chega a usar qualquer das categorias geradas e consagradas por ela, tais como “conjuntura”, “história episódica” (*événementielle*), história-problema; são todas categorias afins com o trabalho de “Casa-grande & Senzala”, que é uma história-problema, que combate o “episódico”, tratando mais da conjuntura, do contexto, mas que Freyre não tomara conhecimento.

No entanto, o breve equívoco a que me referi no início deste artigo levanta a questão a ser discutida aqui: a semelhança encontrada entre o projeto inicial da revista *Annales*, encabeçada por Lucien Febvre e Marc Bloch, e o que Freyre realizou em sua obra “Casa-Grande & Senzala”. Haveria realmente alguma semelhança? E, caso a resposta seja positiva, quais seriam elas?

Em belo ensaio intitulado Gilberto Freyre e a Nova História, datado de 1997, o historiador inglês Peter Burke tratou das semelhanças entre a obra de Freyre e a História Nova, praticada e pregada na França a partir dos anos 1960. Aqui, voltarei mais atrás ainda, e buscarei indicar semelhanças encontradas entre o projeto inicial da revista *Annales*, a partir de 1929, e a historiografia freyreana que se desenrola dos fios coloridos de “Casa-Grande & Senzala”.

2 GILBERTO FREYRE E A NOVA HISTÓRIA

No conhecido artigo de Burke (1997), Gilberto Freyre e a Nova História, o eminente historiador inglês apresenta inúmeras semelhanças entre a “nova história” associada aos *Annales* e a história social feita por Freyre. Tais semelhanças iriam desde a investigação da cultura material até o interesse pelas mentalidades.

Estas semelhanças de abordagem foram reconhecidas tanto por Febvre como por Braudel quando descobriram a obra de Freyre no fim dos anos 30. Freyre, no entanto, não estava imitando os *Annales* e nem Febvre ou Braudel o estavam imitando. Freyre aprendera seu estilo interdisciplinar na Universidade Colúmbia (BURKE, 1997, p.1).

No desenvolvimento de seu artigo Burke compara e aponta como semelhantes o interesse de Freyre em fazer uma história íntima, do cotidiano, coma a que mais tarde fariam Georges Duby e Philippe Áries, com o nome de “história da vida privada”.

Além disso, o autor ressalta a calorosa apreciação de Fernand Braudel, em 1943, num dos números da revista *Annales*, afirmando que o livro de Freyre é “braudeliano antes de Braudel em sua preocupação com os desenvolvimentos de longa duração e com o que o historiador francês chamou ‘*histoire totale*’ e o brasileiro ‘um social total’”.

Assim, não foi à toa que o prefácio da edição italiana de “Casa-Grande & Senzala”, de 1965, tenha sido escrito por Braudel, onde em algumas passagens pode-se ler que “o milagre decisivo é saber mesclar uma narração histórica exata, atenta, com uma sociologia de uma fineza sem defeito”, e “Já maior que uma obra-prima, o livro de Freyre é uma revolução³³”. Noutra passagem do mesmo prefácio, comentada por Vamireh Chacon (1991), Braudel diz literalmente: “Não ensinei nada a Gilberto Freyre, aprendi com ele”, o que faz a autora concluir que o conceito de “civilização material” de Braudel é basicamente o conceito freyreano.

Ainda sobre a admiração de Braudel pela obra de Freyre, nunca é demais relembrar a vaidade do ilustre pernambucano ao praticamente recitar, em prefácio seu de 1973 republicado na 41ª edição brasileira, o seguinte caso:

Não faz senão um trimestre que estudantes da Sorbonne, inscritos num dos cursos do Professor Fernand Braudel – mestre francês de renome mundial – ouviram referências nada comuns da parte de um catedrático do Colégio de França a intelectual estrangeiro ainda vivo; e este, o autor de Casa-Grande & Senzala, obra considerada pelo professor Braudel já clássica ao mesmo tempo que moderníssima, além de pioneira (Freyre, 2000, p.568).

³³ Tradução livre deste aluno.

É fato que vários estudiosos vêm falando, antes tarde que não o fazer, de como Freyre já realizara em 1933 o que o grupo dos *Annales* realizaria nas décadas de 1960 a 1980. Roberto Ventura reitera essa assertiva, dizendo que Freyre abordou a “Intimidade familiar e o cotidiano doméstico nos tempos coloniais, destacando o papel da mulher, da criança e do escravo, (...) com um foco semelhante ao que **seria** adotado pela escola dos *Annales* na França (p.63, 2000, grifo nosso).

Gilberto Freyre começou (...) a ser recuperado nos anos 80 como um dos precursores da “nova história”, pregada e praticada na França a partir da década de 1960 pelos herdeiros da escola dos *Annales*. Historiadores franceses, como Fernand Braudel, se voltaram para a história da cultura material, enquanto Georges Duby e Philippe Áries ampliavam a história da família para incluir a vida privada, a história do amor, da sexualidade, do corpo e das mulheres. Tais tópicos haviam sido discutidos três décadas antes por Freyre em seus estudos sobre o Brasil colonial. Freyre foi portanto o antecipador das histórias da vida privada tão em voga a partir de G. Duby e P. Áries (VENTURA, 2000, p. 75-76).

Mas, é preciso pôr: na raiz dessa História Nova francesa dos anos 1960 apresentada por Burke, entre outros, a revista fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929 (os “pais fundadores”). Daí Le Goff (1998, p.29) afirmar que “a história nova já tem uma tradição própria, a dos fundadores da revista *“Annales d’histoire économique et sociale”*. À Revista, assim, é atribuído o “nascimento” da História Nova.

E quais eram as principais idéias defendidas, nesses primeiros anos da revista? Seria possível, além da semelhança encontrada entre “Casa-Grande & Senzala” e o grupo dos *Annales* da década de sessenta, encontramos convergências também entre a mesma obra e as idéias do projeto fundador da revista, que indubitavelmente revolucionou a disciplina histórica?

3 O PROJETO DOS *ANNALES* – A NOVA ABORDAGEM HISTÓRICA INCLUI: INTERDISCIPLINARIDADE, NOVOS TEMAS E NOVAS FONTES

Como se sabe, a História Nova, francesa, nasceu em oposição a história tradicional, da Escola Metódica de Leopold von Ranke, dita positivista. Tal modelo de história priorizava exclusivamente a história política. Ademais, não dialogando nem com a sociologia, a geografia ou outra ciência humana que pudesse fornecer um capital de categorias, era uma história essencialmente narrativa e acontecimental, factual. Concentrava seu foco nos grandes homens, reis, generais e eclesiásticos, no que estes faziam e pensavam. Por fim, não se apropriava de qualquer registro histórico para reconstruir o passado que não fossem os chamados “documentos oficiais” dos governos. Acreditava-se que com “documentos oficiais” estaria se construindo uma história mais verdadeira. Todavia, esse tipo de documentação só representava a visão daqueles que exerciam o poder. Não era possível falar, por exemplo, do cotidiano dos camponeses alemães através dos tais, a não ser a partir de uma visão de cima.

Há de se dizer que, em oposição a tudo isso, foi que a Escola dos *Annales*, desde Lucien Febvre e Marc Bloch, veio a se erigir, sendo muito justo, então, que Peter Burke coloque como subtítulo de uma obra dedicada à história da Escola dos *Annales* a seguinte sentença: a revolução francesa da historiografia.

A revista, que tem hoje mais de sessenta anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações. As idéias diretrizes da revista, que criou e excitou entusiasmo em muitos leitores, na França e no exterior, podem ser sumariadas brevemente. Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social, e tantas outras. Como dizia Febvre, com o seu característico uso do imperativo: “Historiadores, sejam geógrafos. Sejam juristas, também, e sociólogos, e psicólogos (BURKE, 1997, p.11-12).

Os três eixos que considero aqui importantes para abordar o projeto da Revista *Annales* como revolucionário são: o apelo pela prática da interdisciplinaridade entre a História e as demais ciências, já que este fato causou um verdadeiro divisor de águas; a busca da superação da história política, abrindo novos temas para a pesquisa histórica e aumentando em muito as possibilidades de investigações históricas; e, por fim, o alargamento do que seria considerado “fonte histórica” ou “documento”.

Quanto às fontes, o movimento provocou uma verdadeira “revolução documental”. A partir daquele instante qualquer artefato, documentos escritos, fotografias, descobertas arqueológicas, romances, panfletos políticos, canções, entre outros, que pudesse auxiliar na tarefa de reconstituição de modos de vida passados, passou a ser encarado como documento histórico. Segundo Burke (1997, p.4), “a *nouvelle histoire* francesa fez uso de novas fontes de modo a responder às novas questões que seus praticantes colocavam para o passado”.

Desde o início, em 1929, estes três pontos estavam bem claros para Marc Bloch e Lucien Febvre; eram suas bandeiras. Quanto à interdisciplinaridade, sabe-se que o interesse de Bloch com a geografia não chegava a ser como o de Febvre. Entretanto, seu compromisso com a sociologia durkheimiana era saliente. De qualquer forma, ambos estavam pensando de uma maneira interdisciplinar. E encorajavam o diálogo com qualquer disciplina, desde que enriquecesse a História.

O intuito da revista, desde o início, era exercer uma liderança intelectual que divulgasse uma mensagem sobre uma nova abordagem da história. Esse plano está claro nas palavras de Febvre em 1928: “Pretendemos criar uma revista que possa exercer, no domínio dos estudos da história social e econômica, um papel diretivo” (*Apud*: BURKE, 1997, p.33). Tal abordagem incluía imprescindivelmente a atividade interdisciplinar.

Como terceiro fator constitutivo da fundação da nova história francesa, na revista *Annales*, destaco a abertura de novos temas no campo de pesquisa.

Enquanto a história tradicional dizia respeito essencialmente à política, a nova história pregada nos *Annales* começou a se interessar por quase toda atividade humana (“tudo tem uma história”), daí a expressão “história total”, de grande importância para os *Annales*. Dessa idéia surgiram, ao longo dos anos, inúmeras histórias: da infância, da

mulher, da morte, das epidemias, etc. Tal maneira de se pensar a História demorou a vingar e, ainda hoje, para muitos, a história essencial é a dos fatos políticos. Contudo, a “história total” defendida pelos *Annales* é a hegemônica hoje nas universidades do Ocidente.

Tendo posto, e exposto, as três bases nas quais se sustentava a nova história defendida pelo grupo dos *Annales* de 1929, encabeçados por Marc Bloch e Lucien Febvre (a interdisciplinaridade, o alargamento das fontes e a expansão do campo temático), trago a questão da semelhança de “Casa-Grande & Senzala” e as idéias comentadas agora. Já vimos, embasando-se num artigo de Peter Burke, que Freyre antecipou o que o grupo dos *Annales* faria a partir da década de 60. Pode-se dizer que ele também antecipou, em termos de realização em pesquisa, aquilo que Bloch e Febvre defenderam? É tudo o que venho tentando demonstrar.

4 CONCLUSÃO

A semelhança da obra de Freyre com o projeto da Escola dos *Annales* é tão consistente que na primeira edição francesa, datada de 1952, o prefácio de *Casa-grande & Senzala* foi escrito por ninguém menos que Lucien Febvre, o fundador, juntamente com Marc Bloch, da revista tão comentada, *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Já na edição italiana, 1965, este foi escrito pelo maior representante da segunda geração dos *Annales*: Fernand Braudel.

A verdade é que Freyre veio primeiro, ou melhor, fez primeiro. Enquanto se pregava em Paris interdisciplinaridade, ampliação das fontes e do campo temático, Freyre já estava a publicar uma obra com esse caráter.

Seu pioneirismo começa nos temas de que trata, numa brilhante história do cotidiano. Na obra de Freyre os protagonistas não são os heróis oficiais, consagrados. Não são grandes homens, mas o colonizador em geral, o índio e o negro africano. Como diz Darcy Ribeiro, Freyre faz reviver os senhores de engenho em sua obra, mas eles estão completamente cercados por sua negralhada e pela indiada, ambos a viveram

coitos danados. É o cotidiano que aflora, íntimo e cheio de cores, cheiros e sabores. E o texto se desenvolve de tal maneira que aos poucos vão surgindo abordagens de história da família, da sexualidade, da alimentação, da saúde, da linguagem, da infância... numa época em que a historiografia brasileira, e estrangeira, não arredava o pé da história política, em geral factual. É impossível abordar aqui, como exploração empírica, todas estas histórias presentes em “Casa-Grande & Senzala”, sua contribuição para a ampliação dos temas históricos.

Vemo-lo tratar da história de nossa alimentação, por exemplo, mostrando como “o complexo indígena da mandioca” foi vitorioso sobre o trigo do branco, observando ainda que isso provocou uma perda de valor nutritivo. Freyre reconstitui os costumes alimentares trazidos por cada povo, o africano, o português, e o indígena que aqui já estava. Em seguida detalha como tais costumes se misturaram e o que se perdeu ou permaneceu de cada tradição culinária.

Sobre a história da infância Freyre também tem muito para dizer, inclusive porque este foi o tema de sua tese defendida para conclusão do mestrado. É incrível quando Freyre relata que as crianças brasileiras, brancas, diga-se de passagem, cedo já eram obrigadas a se vestir e se comportarem como adultos. Uma idéia semelhante desenvolveria Philippe Áries na década de 1980, *em sua* “História da Vida Privada”, quando fala sobre a criança européia de antes da Revolução Industrial. Em 1921 Freyre confidenciava em seu diário:

O que eu desejaria era escrever uma história como suponho ninguém ter escrito com relação a país algum: a história do menino brasileiro – da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios -, desde os tempos coloniais até hoje (*apud*: Burke, 1997, p.3).

Realmente, não havia, ao menos no que se referi a Europa de até então, qualquer obra de História sobre a infância.

Freyre também enriquece a história do idioma português aqui, o “português brasileiro”, por assim dizer, mostrando como se deu o processo de transformação de nossa língua, influenciada pelas indígenas e, principalmente, “amolecida” pelas bocas africanas, fazendo do inosso português tradicional uma fala doce e “sem ossos”.

Saindo da questão dos temas, e entrando na das fontes, é justo declarar que este assunto foi uma das maiores virtudes de Freyre. É espetacular o arcabouço de fontes que ele reúne. São manuscritos de arquivos de famílias e de igrejas, cartas jesuíticas, testamentos, sesmarias, diários íntimos, folhetins, depoimentos pessoais orais, livros de modinhas e versos, romances, notícias e artigos de jornais, livros de viajantes estrangeiros, provisões régias, visitasões do Santo Ofício, desenhos, estatutos de colégios, correspondência dos governadores coloniais com a Corte, periódicos, pastorais, relatórios de médicos, atas de Câmaras, cadernos de culinária, etc. se ele as tratou com a metodologia mais correta, não interessa neste artigo. O que conta é simplesmente que ele tomou para seu estudo uma diversidade de fontes incomum para os padrões de até então.

Freyre deu tanta importância às fontes que ao final de seu livro ele as apresenta antes da bibliografia; a bibliografia ele a põe numa parte intitulada “Material Subsidiário”. Traduzindo: o mais relevante eram as fontes, a pesquisa empírica, e não as teorias.

Esta multidão de fontes diversas, pode-se dizer, é mais ousado e efetivo do que o projeto de ampliação de fontes históricas defendida pelos *Annales*. Em “Casa-Grande & Senzala” é que está à verdadeira “revolução documental”.

Passando para uma outra questão, percebo que enquanto alguns consideram Freyre um grande sociólogo que revelou nossa formação e nosso caráter, outros o chamam de antropólogo, ao mesmo passo que, para historiadores, ele foi o maior historiador cultural da história da Brasil colonial, da família brasileira, de nossa formação. Além disso, o próprio Freyre se considera sociólogo, antropólogo, historiador, escritor, quer dizer, uma multiplicidade de perspectivas, inclusive metodológicas.

Para atestar tal fato, basta dar uma olhada nas últimas páginas de seu livro para observarmos o enorme amparo bibliográfico de que Freyre se utiliza: Boas, Freud, Weber, Nietzsche, Malinowisk, Pavlov, psicólogos, etnólogos, historiadores brasileiros,

portugueses, etnógrafos, cronistas coloniais, etc., só para citar alguns. O que vemos é, então, uma grande mistura de disciplinas e perspectivas se fundindo num único trabalho. Diria que Freyre não é apenas interdisciplinar, mas transdisciplinar.

Não foi à toa, portanto, que o próprio Lucien Febvre, no prefácio que escreveu à primeira edição francesa de “Casa-Grande & Senzala” ficou a se perguntar: “Casa-Grande & Senzala: um livro de historiador ou de sociólogo?” (p.6, 1952). E continua: “Casa-Grande & Senzala é um livro do homem sobre o homem. E este problema de definição me inquietava. É que tive a infelicidade, a grande infelicidade de ser historiador e, ao mesmo tempo, Europeu” (p.6, 1952).

Vê-se, nas inquietações de Febvre, o quanto ele constatou e reconhece a interdisciplinaridade em Freyre. Interdisciplinaridade que ele defendia, mas que o surpreendeu, quando se deparou com ela a um nível tão acentuado. Devemos reconhecer que o fato de Freyre ter escrito um livro com o título “Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo”, diz muito de sua versatilidade. Nesta obra, há uma passagem na qual ele apresenta sua interdisciplinaridade em forma de auto-questionamento: “Serei, de algum modo, historiador, ao mesmo tempo que sociólogo ou antropólogo? Para os historiadores mais ciosos da pureza da sua especialidade, creio que não” (p.99, 1968). Já em outro parágrafo ele atira: “Não sou nem pretendo ser sociólogo puro. Mais do que sociólogo creio ser antropólogo. Também me considero um tanto historiador e, até, um pouco pensador” (p.23, 1968).

Acredito que este ponto já esteja evidente, inclusive após o reconhecimento do próprio Febvre, que ordenava que os historiadores fossem ser psicólogos, geógrafos, sociólogos, etc.

Tudo isso a que me atenho leva a dizer que Freyre foi uma pioneiro não só da Nova História francesa da década de 1950 em diante, mas desde o projeto inicial de 1929. Foi um predecessor não ouvido, conhecido só depois. Se Febvre costurou elogios incontidos a Freyre em 1952, quando “Casa-Grande & Senzala” foi traduzida para o francês, podemos imaginar quanta admiração ele teria tido caso a tivesse conhecido em 1933.

Quanto a esse pioneirismo, para que não passasse despercebido, o próprio Freyre fez questão de registrar, citando em livro seu feito, juntamente com nomes de eminentes intelectuais e acadêmicos de reconhecimento internacional:

Essa autoglorificação, através de exageros em reclamar o autor para si, e para o Brasil, antecipações em estudos sociais – filosóficos, históricos e antropológicos – e até em técnicas novelísticas – quando melhor seria que ele deixasse o cuidado de reconhecerem exclusivamente a pensadores, cientistas sociais e críticos literários e de idéias, estrangeiros. Os quais, quando um Georges Gurvitch, um Fernand Braudel, um Roland Barthes, um Jean Pouillon, um Jean Duvignaud, na França, um Asa Briggs ou um Philip Mason, na Inglaterra, um Ortega y Gasset, na Espanha, um Helmut Achelsky, na Alemanha, um Connolly, nos Estados Unidos, um Alberto Pescetto, na Itália, não têm faltado a este autor brasileiro com esse reconhecimento (FREYRE, p. 36, 1968).

Auto-glorificações à parte, é interessante informar que a influência de Freyre, para fazer uma História diferente daquelas em voga até o momento veio, na verdade, dos Estados Unidos. Assim ele aponta numa passagem do seu “Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo”:

Estava-se na Universidade de Colúmbia, nos meus dias de aluno graduado da sua Faculdade de Ciências Políticas (Jurídicas e Sociais), sob o impacto da revolução intelectual que ficaria conhecida por “new history”. Segundo a “new history” (...) ao estudo do passado humano fazia-se necessário aplicar critérios diferentes dos convencionais – isto é, dos cronológicos, dos concentrados apenas no estudo dos fatos políticos e guerreiros. Esses critérios novos, sugeriram-nos os modernos avanços em Psicologia, em Antropologia, em Economia, em Sociologia, em Geografia, em Ciências Políticas e Jurídicas, na própria biologia (p.101-102, 1968).

Observe-se: ele fala “*new history*”, e não “*nouvelle histoire*”. E aqui trago mais uma vez Burke (1992; 1997), grande interessado na história dos *Annales* bem como na obra

de Freyre, quando afirma que a defesa de uma “nova história” é mais antiga que o *Annales*, e teria acontecido na Alemanha em 1900 com Karl Lamprecht, na Grã-bretanha com Lewis Namier e R.H. Tawney que rejeitaram a narrativa do acontecimento, e nos EUA com James Harvey Robinson, com quem Freyre teria aprendido, e até na França com Voltaire, por exemplo. Porém, não obtiveram sucesso e continuidade como o movimento dos *Annales* conseguiu, de forma que a história nova conhecida hoje e adotada por muitos é *made in França*. E, com ela, Freyre não teve nenhum contato, mas fez o que ela pregava antes que os próprios tivessem feito.

Faz-se importante colocar que existem outros aspectos de relevância considerável em que o paralelo entre Freyre de “Casa-Grande & Senzala” pode ser citado, mas que decidi não colocá-lo em meu foco de análise. Como exemplo, pode ser lembrado um dos projetos que Lucien Febvre mais defendia, que era, sem dúvida, o de se fazer uma história total.

Segundo Le Goff (1998, p. 27), a História Nova “se afirma como história global, total, e reivindica a renovação de todo o campo da história. Aliás, (...) as obras pioneiras” são “livros de história total em que a totalidade de uma sociedade é estudada e apresentada.”

E o que fez Freyre em “Casa-Grande & Senzala”, senão estudar o máximo de aspectos possíveis da vida cotidiana no Brasil colonial, tendo como fia condutor a família? Fez, portanto, história total. Dessa forma, não foram por acaso as palavras de Bloch em seu livro “Apologia da História ou Ofício de Historiador”: “Reconhecemos que, numa sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se comanda mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, as manifestações mais elementares e mais sutis da mentalidade”. Como não lembrar de “Casa-Grande & Senzala”?

Com “Casa-Grande & Senzala” podemos afirmar, sem receio, que, em termos de História, na década de 1930, o Brasil deu um passo mais largo que a França. Mas para os demais historiadores brasileiros seguirem esse passo, foi preciso a França apregoar.

REFERÊNCIAS

BLOCH, MARC. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. Prefácio à tradução italiana. *In*: FREYRE, Gilberto. **Padroni e Schiavi: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale**. Torino: Giulio Einaudi, 1965. p.IX-XI. *disponível em*: << <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br> >>

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989) – a revolução francesa da historiografia**. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **Gilberto Freyre e a Nova História**. Tradução: Pablo Rubén Mariconda. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 12 de outubro de 1997.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre: uma biografia intelectual**. Recife: Companhia Editora Nacional, 1991.

FEBVRE, Lucien. Brésil, Terre d'Histoire. Prefácio à tradução francesa. *In*: FREYRE, Gilberto. **Maître et Esclaves: la formation de la société brésilienne**. Tradução: Roger Batide. Paris: Gallimard, 1952. *disponível em*: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. ed. 41. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo**. Editora Universidade de Brasília, 1968.

HERMANN, Matthias Görgen. Prefácio à tradução alemã. *In*: FREYRE, Gilberto. **Herrenhaus und Sklavenhütte: ein bild der brasilianischen gesellschaft**. Tradução: Ludwig Graf von Achönhofeldt. Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1965. *disponível em*: << <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br> >>

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. Gilberto Freyre: uma leitura crítica. *In*: **Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

VENTURA, Roberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Publifolha, 2000. - (Folha Explica)

BATOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre - Casa-Grande & Senzala. *In*: MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil**: um banquete no trópico. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.